

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REALIZADORAS BRITÂNICAS: DO ESFORÇO DE GUERRA AO FREE CINEMA
(1940-1964)
16 e 20 de junho de 2026

SESSÃO “FEMINISMO E OS SEUS CONTRÁRIOS”

TO BE A WOMAN / 1951
(“Ser uma Mulher”)

Um filme de Jill Craigie

Realização, Argumento, Produção: Jill Craigie / Direção de Fotografia: E. Lestocq-Wooldridge / Montagem: Sepncer Reeve / Assistência de Realização: Gordon Lipman / Secretariado de Produção: Elsa Hatchett / Operador de Câmara: Paddy Kingham / Música: Elizabeth Lutyens, Blade Brothers (interpretação musical) / Narração: Wendy Hiller, Julien Sommers / Cópia: 35 mm, a preto-e-branco, falado em inglês e com legendagem eletrónica em português / Duração: 19 minutos / Estreia Mundial: 1951, Reino Unido / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.

THE TRUTH ABOUT WOMEN / 1957
(A Verdade Acerca das Mulheres)

Um filme de Muriel Box

Realização: Muriel Box / Argumento: Muriel Box, Sydney Box / Produção: Sydney Box / Direção de Fotografia: Otto Heller (Eastmancolor) / Montagem: Anne V. Coates / Som: Bob Jones, George Stephenson / Montagem Sonora: Leslie Hodgson / Música: Bruce Montgomery, Muir Mathieson (diretor musical) / Direção Artística: George Provis / Guarda-roupa: Cecil Beaton / Direção de Produção: Jack Hicks / Interpretações: Laurence Harvey (Sir Humphrey Tavistock), Julie Harris (Helen Cooper), Diane Cilento (Ambrosine Viney), Mai Zetterling (Julie), Eva Gabor (Louise Tière), Roland Culver (Charles G. Travistock), Wilfrid Hyde-White (Sir George Travistock), Marius Goring (Otto Kerstein), Michael Denison (Rollo), Jocelyn Lane (Saida), Derek Farr (Anthony), Élina Labourdette (Comtesse), Griffith Jones (Sir Jeremy), Katie Boyle (Diana), Lisa Gastoni (Mary Maguire), John Glyn-Jones (Raven), Thorley Walters (Trevor), Hal Osmond (Baker), Ambrosine Phillipotts (Lady Travistock), Ernest Thesiger (Judge), Christopher Lee (François Thiers), Aletha Orr (Mrs. Maguire), Robert Rietty (Sultão) / Cópia: 35 mm, a cores, falado em inglês e legendado eletronicamente em português / Duração: 107 minutos / Estreia Mundial: Outubro de 1957, Reino Unido / Estreia Nacional: 25 de dezembro de 1958 no Rivoli, Porto; reposição no dia 14 de abril de 1959 no S. Luís e no Cinema Alvalade, Lisboa / Primeira passagem na Cinemateca.

Duração total da projeção: 126 minutos

Ao décimo primeiro título, a realizadora mais prolífica do Reino Unido em matéria de longas-metragens (marca que detém até ao dia de hoje) assina porventura a obra mais despidoradamente romântica sobre os jogos de contrários que alimentam a coabitação entre sexos. Uma coabitação, como alega o protagonista-narrador-participante (Laurence Harvey) perto do fim, longe de perfeita, mas de qualquer modo inevitável e paradoxalmente (muito)

desejável, leia-se, para lá de irresistível. Como aconteceu noutras ocasiões, este filme de altíssimo *flare* romântico, mas muita ironia e algumas situações cómicas a lembrarem Preston Sturges ou, mais até, George Cukor, resulta de uma colaboração entre casados, com Muriel a assinar a realização e a participar com o marido, Sydney Box, na escrita do argumento. As referências e influências dos Box estão à vista, sendo mais do que notório o ascendente exercido pelo universo de realizadores britânicos de vulto tais como Michael Powell ou Anthony Asquith, por sinal cineastas com quem Muriel terá colaborado nomeadamente na qualidade de assistente pessoal.

Se na curta-metragem de Jill Craigie, **To Be a Woman**, o seu último filme, com a marca da por si fundada Outlook Films, acedemos à dimensão documental e realista do cinema britânico, na comédia romântica que se segue é a declinação mais popular e novelesca que se faz representar. Ambos os filmes lidam, de qualquer modo, com a problemática do lugar da mulher no seio da sociedade britânica, procurando desconfiná-la do papel tradicional a que continuava a estar remetida na década de 50. O filme de Craigie é um típico produto documental do pós-guerra inglês e o facto de as mulheres terem desempenhado um papel forte e determinante no esforço de guerra ensombra o olhar lançado à problemática em questão: como é que podemos regressar aos hábitos enquistados da sociedade do pré-guerra depois de termos visto mulheres a comandar operações por terra, pelo ar, nas fábricas e nos serviços? Essa estupefação embala o olhar de Craigie, realizadora fortemente engajada (o marido foi dirigente do Partido Trabalhista, Michael Foot, e a própria dedicou parte da sua vida à vida pública), que sempre desejou dar o salto para a longa-metragem e para produções de outra monta (algo à imagem de uma... Muriel Box?), mas que acabou por apenas conseguir realizar uma longa-metragem semi-ficcional, **Blue Scar** (1949), drama de pendor realista sobre uma família de mineiros do carvão que incide, muito em particular, no romance desenrolado entre um homem que pretende continuar a trabalhar numa mina de carvão situada algures no País de Gales e uma mulher que sonha ser cantora em Londres.

A divisão é, portanto, significativa, talvez mesmo estruturante do cinema britânico: entre um cinema de missão pública, com raiz em John Grierson e na sua grande “escola do documentário”, por norma subvencionado por entidades estatais e fortemente educacional, filmado a preto-e-branco em cenários naturais e envolvendo não-atores, e um outro ficcional, mais popular e romanesco, realizado em estúdio, com grandes atores, por vezes (como é o caso) de cores flamejantes e de notável escopo narrativo. Independentemente do movimento – da vida para o palco ou do palco para a vida –, Craigie e Box falam essencialmente do mesmo: papéis e o valor desses papéis. **The Truth About Women** é uma obra seguramente mais exótica e pueril do que **To Be a Woman**, mas nela a importância do lugar e do valor da mulher na sociedade também faz fogo. A negociação, tão económica quanto política, sobre quem manda no lar (a definição de economia é mesmo essa, a gestão do lar) está por todo o lado, nomeadamente quando se confundem certas conquistas do protagonista com mercadorias em leilão (a história de Saida, tal como é narrada, leva à letra tanto quanto desmonta esta ideia) ou quando se encena a relação a dois como princípio de uma *partnership* habitualmente definida nos termos do pretendente masculino (veja-se e reveja-se as bem irónicas abertura e conclusão do filme).

À linguagem direta e instigadora do filme de estilo documental, com uma narração a cargo das prestigiadas atrizes Wendy Hiller e Julian Somers, dentro do típico modelo griersoniano do documentário em que as imagens por vezes cedem ao efeito da mera ilustração, é contraposto, na ficção em questão, um certo “prazer excessivo” pelo romanesco. Esta afeição literária pelo drama é mais evidente ainda no filme que Muriel lançou no mesmo ano, poucos meses antes de **The Truth About Women**: o quasi-sirkiano ou mesmo quasi-buñueliano **The Passionate**

Stranger ou, no título português, “O Romance e a Vida”. Nele, é posto a dado momento em “abismo colorido”, digamos assim, o desenrolar de um romance escrito pela protagonista num tempo presente filmado em preto-e-branco. De maneira menos inventiva ao nível da construção narrativa, **The Truth About Women** apresenta uma estrutura composta por sucessivas analepses que pode fazer lembrar o clássico **The Life and Death of Colonel Blimp** (1943) de Michael Powell & Emeric Pressburger. Todavia, em vez de atravessarmos os vários palcos das batalhas travadas “for king & country”, somos brindados com vinhetas da vida sentimental e sexual do protagonista, que, muitas vezes armado com uma ironia *very british indeed*, não deixa de dar vários sinais de fraqueza, como se este “sir” não tivesse passado, enfim, de um mero juguete nas mãos de múltiplas mulheres. E aí a história mais fabulosa, contada por esta Xerazade em versão masculina, branca, ocidental e “decadente”, envolve uma série de (des)encontros amorosos com a francesa Louise Thiere, interpretada pela inconfundível Eva Gabor, que conduz o protagonista a um aterrorizante duelo com o marido desta, interpretado por Christopher Lee. Como recomenda a personagem do tio na primeira história, isto em matérias do coração não há nada como fugir a sete pés assim que deflagrar a primeira chama da paixão. Ora, neste filme sobre uma personagem que nunca soube verdadeiramente “pôr-se em fuga”, ou que, então, fugiu demasiado e mal, o amor é, como dita uma bem popular música contemporânea, um sempiterno *losing game*.

Luís Mendonça